

STONE OF PATIENCE

Os Stone of Patience são uma banda recente no panorama nacional, tendo sido formados em 2024. Tratam-se de uma banda que mistura várias sonoridades, e que promete agradar a fãs de vários estilos dentro do metal. O seu álbum de estreia, "While I Die", saiu a 2 de Abril no formato digital e a primeira actuação de apresentação do mesmo já está marcada para o mês de Maio, pelo que podemos esperar muita actividade por parte deste colectivo de músicos nos próximos tempos.

Começo por agradecer a vossa disponibilidade e por perguntar como surgiu a ideia para a criação desta banda? Com efeito, o vosso guitarrista Nuno Romero integra os Critical Hazard, uma banda de death metal, e os Legacy of Payne, uma banda de thrash. O que distingue os Stone of Patience desses projectos?

Antes de responder à tua pergunta, queremos também agradecer a oportunidade que nos dão para falarmos sobre este nosso projecto. Olha, o culpado disto tudo é mesmo esse "tipo" que toca nessas bandas também. O projecto começou com a vontade de fazer algo diferente, com a inclusão de outros instrumentos, outras maneiras de tocar e de misturar vários estilos de que gostamos. Em Stone of Patience gostamos de deixar a música respirar, que as melodias tenham o seu tempo, e de ser agressivos quando temos que ser. No fundo fazemos a banda sonora do nosso filme.

Lançaram o vosso primeiro single "Dying Embers of Hope" em Março do ano passado, e o "While I Die, o vosso álbum de estreia, saiu no passado dia 2 de Abril. Sabendo que houve mudanças de formação entretanto, podemos esperar um novo single a apresentar a actual encarnação da banda? E se sim, quando?

Claro que sim! Desde o lançamento do single houve algumas alterações na formação. Andámos às voltas

com a voz feminina, porque a vocalista que gravou o primeiro single connosco saiu. Quisemos experimentar coisas novas e convidámos duas vozes femininas, fizemos alguns concertos com essa formação, mas quem acabou por gravar o álbum foi a Isabel e é quem



nos acompanha até agora, e espero que por muito tempo (risos). Depois do primeiro concerto também mudámos de baixista. Sentimos que esta é a formação que irá andar por aí durante algum tempo a espalhar a

magia de Stone of Patience. Estamos a preparar o segundo single que irá sair lá para o fim de Abril.

A formação da banda conta com dois vocalistas (Isabel Dentinho e Bruno Costa), o que traz consigo um contraste muito marcado; como surgiu a ideia de optar por esta formação? Ainda, falando de contraste em termos vocais, a participação de Gabriel Warmann, dos Azzaya, no tema “Forgotten War”, surgiu de que forma?

Quando começámos com este projecto, e quando o Nuno trouxe estas músicas para cima da mesa, a ideia era ter vários vocalistas, cada um com o seu estilo: sopranos, guturais, altos e cleans, a dividir as várias



partes da história do álbum com as suas interpretações. Experimentámos várias hipóteses e chegámos à conclusão que esta era a maneira ideal para contarmos as nossas histórias. O gutural cavernoso e abrasivo do Bruno com a voz mágica e celestial da Isabel é a combinação perfeita para Stone of Patience. Estamos muito contentes como resultado.

Ainda, esta banda também é uma partilha de experiências... A arte para nós só faz sentido se for partilhada entre músicos e ouvintes. É esta paixão que nos faz arrastar as almas incompreendidas e insatisfeitas a criar para que nos possam alimentar de beleza. A nossa relação com Azzaya e o Gabriel já vem de longe. O Nuno também já tinha feito uma “perninha” no álbum deles. Falámos com o Gabriel e, foi difícil convencê-lo (risos)... não foi nada, falámos e a coisa cresceu de maneira natural... ficou incrível a participação dele. Podem esperar mais participações em futuros álbuns nossos, de certeza.

A vossa sonoridade oscila entre o death metal (“Forgotten War”) e o metal sinfónico (“Dying Embers of Hope”), com elementos doom (especialmente nos temas “Requiem for the Fallen” e “Memoria”). Quais são as vossas principais influências musicais?

Inevitavelmente são todos esses estilos. Ouvimos muita coisa dentro do metal e não só, mas maioritariamente metal. As nossas “influências” são todas essas “coisas” que ouvimos, que lemos, que observamos. Não procurámos um “estilo” no metal para colocar a nossa trouxa e nos acomodarmos, quisemos compor livremente e caminhar para onde a brisa nos levasse.

Em termos de letra, sei que o disco representa uma viagem que envolve obstáculos pessoais por parte da personagem, como se tratasse de uma narrativa que se vai desenvolvendo ao longo do álbum. Como surgiu a inspiração para contar esta história, experiência pessoal ou de outros artistas? Podemos afirmar que se trata de um álbum conceptual?

Sim, é uma viagem através de uma mente perturbada de alguém que sofre com traumas vividos no passado e que tem uma luta constante para conseguir ver aquela esperança que a faça sorrir novamente com as coisas básicas da vida... De uma forma mais agressiva ou mais leve, há alguém ao virar da esquina com quem tu te cruzas na rua, com quem trabalhas ou mesmo aquela pessoa que está fechada em casa às escuras e que ninguém já se lembra dela, vive ou viveu esta experiência. Este álbum é um grito de resiliência e de esperança.

Se podemos considerar um álbum conceptual? Nós gostamos de achar que sim, as experiências estão no fundo todas elas ligadas e estão todas ligadas à mesma pessoa.

O que podemos esperar em termos de concertos este ano para os Stone Of Patience? Têm já uma agenda definida para apresentação do álbum para 2026?

A apresentação do álbum foi no dia 16 de Maio no Hollywood Spot. Onde tocámos o álbum na íntegra. Contámos também com algumas surpresas e participações. Foi uma festa onde tivemos amigos que trouxeram as suas bandas para nos ajudarem a reacender o ritual de Stone of Patience.

A apresentação do álbum ao vivo a nível nacional está a ser preparada e começará no final de 2026.

Entrevista: Raúl Avelar

Black Cilice - "Votive Fire"

Iron Bonehead

Dos confins do nosso mais profundo underground sai, surpreendentemente, um dos nossos actos mais internacionalizados. Há uns

bons anos que Black Cilice, entidade do mais cru black metal que cá temos, tem vindo a encantar apreciadores desse tenebroso ruído pelo mundo fora, e continua a editar com regularidade e com uma evolução sonora que nunca compromete o assalto ruidoso e demolidor dos registos iniciais.

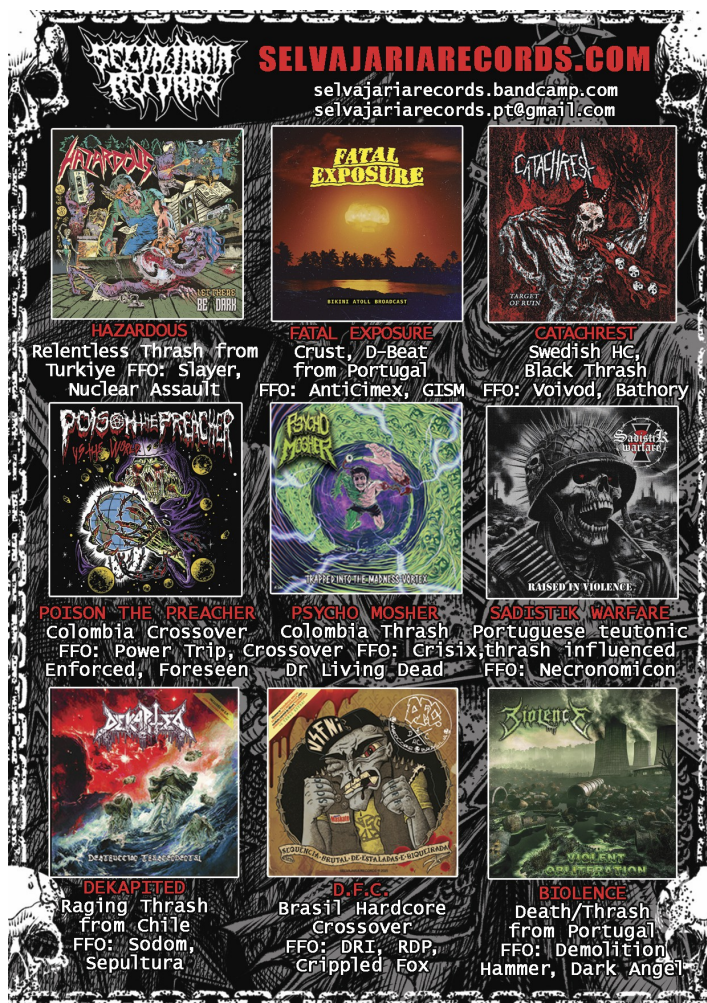
Agora é "Votive Fire" que vem encantar os apreciadores de luz no estado mínimo. Cada vez mais confortável no black metal atmosférico e sempre capaz de inserir melodias no meio de uma crueza cortante, é um disco breve (composto por quatro temas médios a longos) que causam impacto e, sem irromper num assalto mais cacofónico como, por exemplo, num "Summoning the Night", mas a invocar fantasmas que talvez já se encontrem no já clássico "Banished from Time", dão mais um passo na sua riqueza musical, sem procurar novos elementos: são os que sempre estiveram lá. É dentro desse mesmo caminho, dessa escuridão, que Black Cilice se move e fá-lo de forma tão misteriosa quanto a própria entidade: como consegue um grande disco, que pode ser o seu mais cru, mas também o seu mais atmosférico, o mais melódico e até o mais vil. Bem precisamos daquelas velinhas todas da capa. (C.M.)



Drvzka - "Metalmorphosis"

Edição Autor

Para analisarmos a saúde do metalcore por cá, também podemos dar um saltinho até às ilhas. Os açorianos Drvzka continuam o seu percurso, com a mesma energia, com quatro novos temas que até podiam sugerir o início de algumas mudanças sonoras. Ou, pelo menos, "Metalmorphosis" seria um bom título para retratar isso. Mas, na verdade, prosseguem a sua marca de metalcore, e thrash moderno, regado de outros estilos musculados e modernos. O ênfase está na contínua procura de fortalecer a identidade, amadurecer a escrita das canções e saber enquadrar alguns novos elementos que enriqueçam os temas, sem lhes alterar o ADN. O trajecto é feito em frente, no máximo olha para cima. E sente-se em "Metalmorphosis". Sem procurar afastamentos, extravagâncias, ou algo que pudesse alienar os fãs que já vão juntando, focam-se em manter os temas enérgicos, enaltecidos com alguns elementos sinfónicos. E sempre assim, em doses pequenas, como quem dá curtos mas demolidores passos. Ou a preparar para brotar. Ou sair do casulo, já que entra na semântica que aqui empregam em forma de trocadilho. Assim que "Voices in the Fire" chega ao fim, fica



bastante convidativo para voltar ao início e rodar estes novos temas mais uma vez. Que os Drvzka se mantenham exemplares em saberem manter uma raiva e intensidade juvenil, escrita com maturidade. (C.M.)

Vengeful Fate - "Low Blow"

O EP de estreia desta banda começa com uma introdução com o nome da banda em que decorre uma narração até entrar a banda com toda a sua ferocidade e groove. Terminada a introdução, começa "Hear The Wolves", o single de avanço do EP lançado no início do mês de Abril; aqui a voz limpa troca com os gritos do vocalista, com a instrumentação remanescente dos Suicidal Tendencies e Biohazard. A agressividade mantém-se no tema seguinte, com mais voz limpa remanescente de Johnny Santos dos americanos Spineshank e um baixo bem presente na mistura. O som dos Vengeful Fate é cheio de uma energia decorrente de uma espécie de fusão de hardcore com New Wave of American Metal na veia de bandas como Trivium ou Chimaira, assim como o nu-metal ("Re-Placed" lembra-me os Deftones tanto em termos de voz como de ambiente sonoro). Estamos perante um sólido lançamento de estreia que promete muito mais desta banda que demonstra a habilidade para evoluir e continuar a surpreender no futuro. (R.A.)



Carnification - *"Walking Among Thousands"*

Ethereal Sound Works

Carnification é uma banda portuguesa de Ponta Delgada, Açores. A primeira formação decorreu entre 1992 e 1999, com o lançamento de uma promo-track em 1999. O projeto foi interrompido até 2008, altura em que regressou. Perdi ambas as fases e só agora conheci a banda com este álbum de estreia. A música é death metal com algumas partes melódicas, bem composta e executada. O vocalista é eficiente, mas um pouco pesado para o meu gosto. A minha parte favorita do álbum começa na faixa 5, "Endless Journey", e vai até ao fim. Curiosamente, o álbum parece dividido numa metade death metal, seguida por uma metade death metal melódico. No geral, uma boa surpresa e uma banda a acompanhar. (J.S.S.)



Stone of Patience - *"While I Die"*

Edição Autor

O som death-doom e orquestral dos Stone of Patience torna-se evidente desde a introdução "While I Die", mas torna-se característico em temas como em "Memória" ou "Wasteland of Memories", em que o piano "lidera" os restantes instrumentos. Ainda, o contraste de vozes entre Isabel Dentinho e Bruno Costa ao longo do álbum ajuda a cimentar esta influência, lembrando bandas como Swallow The Sun ou Epica. No entanto, tanto naquele tema como noutros ("Shadows of Desolation", em que temos uma secção em que o solo é repartido entre a guitarra e os teclados), ajudam a destacar este lançamento dos demais do género. O piano de João Rei brilha em diversos temas como "Drawn With Tears", um pequeno interlúdio que ajuda a "dividir" o álbum ao meio. Com efeito, While I Die é um disco conceptual em que a história do protagonista é revelada ao longo do disco, tanto em termos de letra como em termos musicais (destaco os pequenos interlúdios instrumentais como "Drawn With Tears" e "In The Whirlwind Of The Wave"). No seu todo, estamos perante um bom disco de apresentação de uma banda coesa (atente-se na secção rítmica de Micael Sousa e Ricardo Gamarra), que poderá continuar a dar cartas no panorama do death metal nacional, muito em virtude



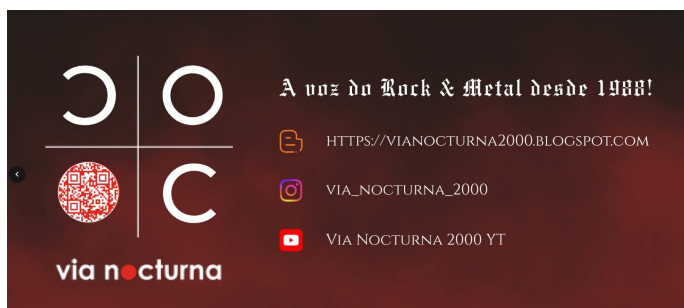
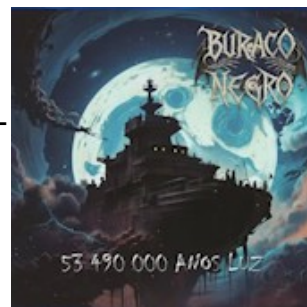
de oferecer ao ouvinte um variado leque sonoro: destaco a bridge em "Echoes From The Battle" que culmina num interessante solo de sintetizador e guitarra, o tema "Weight of the Past" ou a balada "Requiem For The Fallen". (R.A.)

Buraco Negro - *"53.490.000 anos-luz"*

Spectral Works

O tecido do espaço-tempo abre-se e absorve estilos de todo o universo musical, resultando num verdadeiro buraco negro que nos faz viajar 53.490.000 anos-luz por ambientes dignos dos melhores episódios de Cowboy Bebop (recomendo a fantástica "Radiação Sincrotrónica").

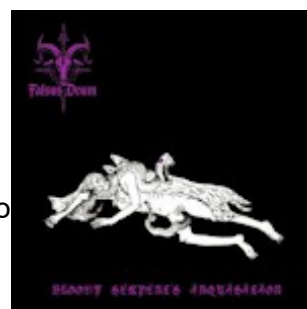
A proposta leva-te do jazz ao black metal, passando por sonoridades cruas e industriais, livres das fórmulas comerciais. Uma experiência para aventureiros musicais intergalácticos que procuram uma viagem pessoal e sem fronteiras. (M.S.)



Falsus Deum - *"Bloody Serpent's Inquisition"*

Falcata Produções

São os próprios Falsus Deum que se apresentam como um grupo de adolescentes. Portanto se, à primeira vista, virem uns putos de corpse paint... É



porque são mesmo. Mas têm aqui um EP que segue uma igualmente crua estreia, e que irá além da gimmick. E a juventude ajuda. Traz uma certa ingenuidade, que na verdade aqui se traduz como honestidade: a crueza e dureza destes temas soa genuína. São miúdos que cresceram com referências bem mais antigas do que eles e vêm aqui reproduzi-las sem ter que fazer um esforço hercúleo para serem os mais trve do bairro. Soam assim porque naturalmente conseguem soar assim. O que ouvimos, e nos surpreende, em "Bloody Serpent's Inquisition" é, precisamente, um black metal bem "raw", ruidoso e sem floreios. O aspecto ruidoso e a opção por uma voz mais gutural acaba por também injectar algum grind que ajuda na procura da identidade (e, lá está, não consta que o tenham feito tão intencionalmente); riffs que serram a carne e o osso, mas que não impedem que se instale a atmosfera; letras voltadas para os alvos do costume; e uma estética e selvajaria bastante "war metal". Fruto da tal forma honesta, e em adoração, que tratam as suas referências. Para além dos trabalhos de casa da escola, estes miúdos também trazem os trabalhos de casa musicais feitiños e bem. Já são quatro registos que dispararam em pouco tempo de existência, o que também demonstra pica e determinação. Portanto este EP já não vem demonstrar só potencial, já está a confirmá-lo e a começar a deixar uns avisos de que os chifres desta besta ainda podem aumentar... (C.M.)



Heavenwood - "The Tarot of the Bohemians: Part II"

Mighty Music / Target Tunes

Celebrámos as três décadas desde que todo o metal gótico no nosso país foi definido, ou redefinido, com um já imortalizado "Diva", ao mesmo tempo que lamentávamos toda uma década sem material dos Heavenwood. E não há mesmo melancolia que mais nos alegre do que o sucessor do primeiro "The Tarot of the Bohemians", uma segunda parte que vem aproveitar todo o agite e muita incerteza que se torna obstáculo inevitável para muitas bandas, de maior ou menor dimensão, para completar uma obra e chegar, por si só, como uma obra muito completa. Até podem procurar e ver se há referências a ser usadas ao peito (há Paradise Lost, e de várias eras? Sim, pode dizer-se que há), mas a principal que lá encontram é



Heavenwood. Com todos os seus pontos fortes bem à frente. Não esperem que deste gótico saia algo mais arrastado e fúnebre, mas é claro que oscila entre diferentes velocidades e cria uma atmosfera taciturna, e até uma subtil companhia de uma voz feminina ajuda a recordar alguns actos da boa laia de uns Tristania. O sentido melódico está apuradíssimo e traz muito refrão de se colar e acompanhar e muito riff tão eficaz na sua eficácia como no seu peso. Já que acabam por ser outro destaque, carregando um pouco mais no peso. Parece fechar-se este capítulo que tinha ficado em suspenso há toda uma década atrás, e a prometer um próximo tão fresco como quem não tem já a posição na nossa cena pesada há tanto tempo. (C.M.)

Hourswill - "Ensemble"

Ethereal Sound Works

Quarto álbum desta banda de metal progressivo formada em Lisboa em 2009.

"Ensemble" é sem duvidas nenhuma das boas surpresas deste ano, um álbum de qualidade superior e uma belíssima obra de arte em todo o seu esplendor, um trabalho muito bem cuidado e produzido, ótimas canções, complexas mas completamente cativantes e nada chatas, alguns temas longos como o épico, "Le Radeau de la Méduse", com cerca de 23m e que conta com duas participações especiais, Nuno Cruz (Thragedium), nos vocais mais guturais e Luís Simões (Saturnia/ex-Shrine), nos instrumentos orientais, dando-lhe assim uma atmosfera muito especial onde também se juntam belas orquestrações, há outras composições alargadas, como; "Not Enough", com quase 8m e "Gehenna", que encerra o álbum em grande com pouco mais de 13m e



de novo com Nuno Cruz como convidado, desta vez nas segundas vozes, outras boas malhas são nos servidas, "Unheilvoll", "Depressione anaclítica" e o instrumental "Paso de Cuervo", um dos destaques deste disco vai também para a excelente versão de Fausto Bordalo Dias, "O Que a Vida Me Deu", um tema tradicional de novo com a colaboração de Luís Simões (sitar, tampura e gong), que marca completamente pela diferença numa execução inovadora com ótimas ideias e onde a versatilidade vocal do excelente cantor que é Leonel Silva se faz muito sentir.

"Ensemble" se não é uma obra-prima está bem próximo disso, provavelmente estamos perante um dos melhores discos nacionais deste corrente ano de 2026, está ao nível do melhor que se faz neste estilo por esse mundo fora, um disco que merece distribuição internacional de uma banda com músicos acima da média, o já citado Leonel Silva, um dos melhores vocalistas do nosso metal, José Bonito e Tainan Reis nas guitarras, Pedro Costa no baixo e Nuno Peixoto na bateria, entregam-nos um trabalho que acredito que ficará para sempre na nossa memória... (L.R.)



Spider Mother Earth - "Reborn"

Kingdom Divine Records

Segundo álbum para este projeto completamente liderado pelo guitarrista/vocalista, Carlos Falé, que nele fez praticamente tudo, escreveu as músicas e as letras, tocou todos os instrumentos e também gravou, produziu e misturou todas as faixas nos estúdios Alternativni Glasbeni na Eslovénia, ficando só para o técnico de som, Tiago Sousa, a sua masterização.

Trata-se de um trabalho exclusivamente digital, não estando portanto previsto, para já, a sua edição física. A proposta é um hard 'n' heavy de boa cepa com 11 composições inspiradas, fortes e bem estruturadas, há uma certa estranheza na voz, que podia ser um pouco melhor, isto na minha opinião, mas, para todos os efeitos, isso não é nenhum motivo para o pormos de lado, tem-se por aqui bastantes pontos positivos e bem interessantes, é um daqueles casos que se insistimos na sua audição por várias vezes, vamos chegar à conclusão que se trata de uma obra que nos consegue agradar e agarrar.

Para Outubro próximo está previsto um novo álbum deste projeto. (L.R.)



Fjords - "Gehenna"

Edição Autor

Então um baixo e uma bateria chegam para fazer o barulho todo que é preciso? Chega e sobra. Já foi abordado, mas agora também já temos os Fjords a apresentar o seu método particular de fazer (quase) tudo à volta desses dois instrumentos para criar o fuzz necessário para nos mandar para o deserto, para o meio de um caleidoscópio cheio de cores, ou até para o meio da pit. O ideal até será isso tudo em simultâneo.

O baixo trata do barulho na sua forma mais primária, sem recorrer a um kit interminável para distorcer e fazê-lo soar a uma guitarra (o kit fica para o mandar na cabeça do primeiro que perguntar se são tipo Royal Blood, com todo o respeito por esses rapazes ingleses). Apresenta-se devidamente e toma a rédea dos temas, que até os aceitaríamos como instrumentais até uma voz mais rude irromper e completar as canções (e torná-las, então, canções mais convencionais). Na voz e na atitude, encontra-se muito punk a acrescentar ao psicadélico e melódico, para além do ocasional arrasto que levanta alguma poeira e faz fumaça (o termo "doomgaze" já parece fazer, oficialmente, parte do dicionário metálico). Os quatro temas do disco parecem estar intencionalmente alternados, com dois mais curtos e dois mais longos, para duas descargas mais directas intercaladas com outras longas mais complexas. Ou experimentais, como é o caso da trip industrial que se passa em "Paradiso". Para regressarmos da viagem todos baralhados, mas agradados. Uma banda já muito única para quem ainda está em fase de crescimento. (C.M.)



jbmúsica
facebook.com/groups/jbmusica

Mist Crown - *"Unconquerable Will"*

Edição Autor

Parece que já se vai crescendo por cá na cena que podemos chamar, em tom jocoso mas não depreciativo, de "black metal bonitinho, de capas mais bonitinhas ainda". Já por cá temos Mist Crown a crescer e a mexer-se pelos mesmo frios caminhos por onde andam Nordicwinter, Aquilus, Winterfylleth, Afsky, entre muitas outras grandes bandas e projectos, sem lhes ficar a dever propriamente alguma coisa. E também parece querer juntar-se a um lote onde estão actos como Nostalghia ou Gormoth, que nem conseguimos andar a par de tudo o que lançam, tal é a frequência.

"Unconquerable Will" é o segundo disco desta entidade atmosférica em pouco mais de meio ano.

Mas justifica-se. E já se detecta evolução e procura de crescimento. Com um pouco mais de doom e death melódico a influenciar, um pouco à Forgotten Tomb, e também um pouco à Amalekim. Continua a ser black atmosférico exemplar, que complementa bem a parte emocional e vulnerável, com a raiva e o desespero devidamente berrados e também representados por riffs malévolos. A fonte ainda é essa. Esse balanço musical acaba por ser também o ideal para fazer valer as letras e as suas temáticas, algo que o atento público que Mist Crown vai juntando já destacou. É verdade que é um género com as suas limitações, mas "Unconquerable Will" promete capacidade de as superar. À partida, devemos ter que esperar uns mesitos. (C.M.)



levanta a questão sobre qual será a fonte onde beberá desta vez, com o nome Cruxvoidus, para um "Where the Cross Becomes Void" que se apresenta nada meigo. Sabemos, e notamos logo, que volta a ser o black metal. Mas de que tipo será, exactamente, quando sabemos a facilidade com que este profícuo músico "workaholic" aborda as suas diferentes vertentes?

Parece que a principal referência nem é assim tão musical. É pessoal. Melkor vende este disco como sendo o seu trabalho mais individual, com menos interferência exterior, um trabalho de total isolamento, 100% Melkor, e com o qual se encarará a si próprio. Que pode ser o mais perigoso. Muitas vezes é por dentro de nós próprios que não queremos mergulhar, temos medo do que podemos lá encontrar (a tal cena que dizem para não procurarmos um espelho para nos vermos durante um sonho!). Mas o imediato, violento e cortante black metal que introduz Cruxvoidus não sugere medo. Mas a forma violenta como a instrumentalização nos ataca e o desespero na voz (tudo junto pode ter Mayhem como referência) sugere que monstros foram enfrentados e, talvez em vez de

Cruxvoidus - *"Where the Cross Becomes Void"*

Studios13

E aqui está o "Cantinho do Melkor", rubrica não-oficial que temos dentro desta secção desta vossa crescente newsletter/zine/gazeta. Com mais um nome novo que



Azores & Metal



museuhmazores.bandcamp.com

derrotados, estejam todos em convívio. Black metal terapêutico? Depende do que fizeram com ele. Soa com uma grandiosidade que faz parecer que o músico que o executou saiu desta experiência mais leve... (C.M.)

Moonspell - "Far From God" Napalm Records

14º álbum de originais desta nossa grande banda formada na freguesia da Brandoa, em Lisboa, no ano da graça de 1992. Queira-se ou não, goste-se ou não, os Moonspell são a nossa banda nº 1 a nível internacional. Fizeram por isso e é muito bem merecido esse estatuto. Senhores de um culto muito próprio devido à sua enorme qualidade musical e à sua personalidade, são uma daquelas bandas que se distinguem das demais e que se detectam logo à partida quando surge algo de novo, para mim inclusive que os segue desde o início.

Nada me desilude aqui. Oito temas bem inspirados com aquele estilo único de quem trata muito bem o metal e o sabe misturar com aquela sonoridade gótica sempre entusiasmante e viciante. Canções melódicas que contracenam com outras um tanto ou quanto mais agressivas, conseguindo-se assim um resultado final bem construído e equilibrado. Há sempre um tema de avanço mais orelhudo que nos direciona para a sua audição, e que aqui é o seu tema título, para além de toda a habitual envolvimento com ambientes cativantes e belas canções. "The Great Wolf in the Sky", conta com



a colaboração da violinista, compositora e arranjadora espanhola, Alicia Nuhro, e é sem dúvida um dos melhores momentos do álbum. "Your Promise of Light" conta com bonitas orquestrações e um pouco de electrónica. "Cross Your Heart" é um óptimo tema de abertura com um ligeiro cheirinho a "Opium" que nos agarra de imediato. "Biblical" é outro dos pontos altos, com uma abordagem um pouco diferente do resto. "For the Love of Mortals" e "Our Freedom to Fall" são também excelentes momentos e culminam com "Reconquista" que encerra este trabalho com uma boa dose de balanço e força bem medida. No geral, "Far From God" é mais um daqueles casos que vale pelo seu todo. É um trabalho com cerca de 42 minutos, um pouco mais simples do que o seu antecessor, "Hermitage" (2021), mas igualmente fascinante e que tem como temática um imaginário literário / cinematográfico que nos leva para o terror gótico onde vampiros e lobisomens partilham culpas existenciais. A arte da capa é de autoria de Eliran Kantor, que simboliza o amor, o distanciamento e a morte. Recomenda-se! (L.R.)

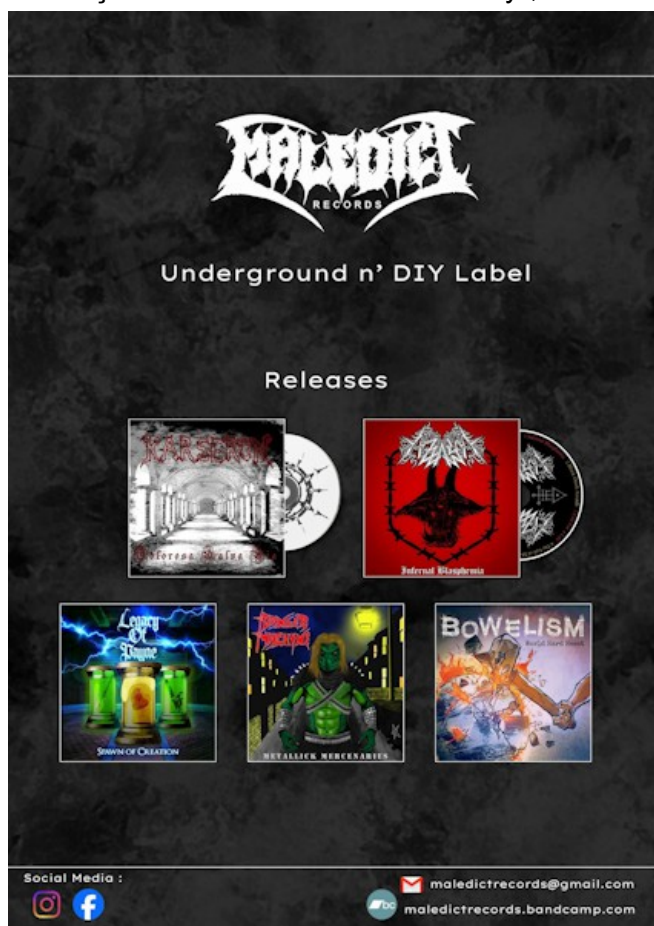
Half Naked Souls - "Half Naked Souls" Edição Autor

Coisas como o conceito de supergrupo (esse palavrão) ou até de tempo para nos acostarmos a uma coisa, sem capacidade de concentração para outra...



Não interessam para a estreia dos Half Naked Souls. A primeira, porque impõem-se como a sua própria entidade, uma banda com cabeça, tronco e membros, e um futuro com muito potencial. A segunda porque ainda temos o agradável sabor do recente trabalho dos Stone of Patience, mas estamos dispostos a descobrir o que anda uma significativa porção dos seus membros a fazer à parte.

Os Half Naked Souls mantêm um parentesco notável com os Stone of Patience. Também se pode dizer que sejam bandas a dar ao mesmo destino, mas por caminhos diferentes (ou caminhos semelhantes para chegar a destinos diferentes?), e uma das bandas pode fazer a outra vir à cabeça quando se ouve. Com abordagens diferentes ao seu metal sinfónico, mas ambas soam grandiosas. Os Half Naked Souls até já soam a veteranos pela forma como administram a sua ambição, de modo a conseguir ainda algum nível de acessibilidade na sua música. Uma teatralidade sem demasiados floreios, uma atmosfera épica sem ser over-the-top, pesado sem soar a demasiada compensação, com os riffs ainda na linha da frente, e com as referências internacionais à vista sem as copiar. Que a catadupa internacional disto já tenha sido há uns bons anos, tudo bem, mas discos como este fazem parecer que o metal sinfónico por cá ainda vai começar agora a crescer. (C.M.)



Bloody Rabbit - "Bloody Rabbit"

Edição Autor

Parece que teremos brutalidade por cá às mãos de um coelho, aparentemente muito mal intencionado. Bloody Rabbit é o nome adoptado por Nuno Pires para debitar barulheira da família do brutal/slam death metal, sem medos da praga do sufixo "core", com muito riff maldoso e com o intuito de colaborar com nomes importantes do underground internacional. Arranjou boa companhia para este breve cartão de visita: Graham Mattias, dos britânicos Nest of Scum, a tratar da voz. Com apenas três temas, é um lançamento muito simples, mas cumpre o seu propósito de deixar a promessa: é para soar tão sangrento quanto o nome implica. O foco ainda é nos riffs (onde também não tem medo de realmente pender para o deathcore), e são os que principalmente orientam a brutalidade dos temas. É por aí que se encontra bom caminho para que Bloody Rabbit seja sempre Bloody Rabbit, mesmo vindo a ter um vocalista diferente a cada lançamento. E já fica aí implícito o desejo de que realmente isto se venha a repetir muitas mais vezes. (C.M.)



[SOUNDSTORE_MUSICSTORE](#)

www.soundstore.pt

Loja física e digital de discos Vinil, Cd's, DVD's, gira discos, leitores de cd, colunas, amplificadores...

MAGAZINE AÇORIANA

O MUNDO DO METAL EM CADA EDIÇÃO



HEADBANGERS PORTUGAL

XEQUE-MATE

TRAILGUNNER
MORTUARY
CAUSTIC
RUOSKA
REVENGE RITUAL
STRANGULATORIUS
KARELIAN WARCRY

CULTO MACABRO
CRIMSON GLORY
DEADVOID INC.

HEADBANGERS
HEADBANGERS
HEADBANGERS
HEADBANGERS
HEADBANGERS
HEADBANGERS
HEADBANGERS
HEADBANGERS
HEADBANGERS
HEADBANGERS
HEADBANGERS
HEADBANGERS

disbelief
CRUSHUMAN
LOCUS
NOIR

EMORIAM

Emoriam o mais recente capítulo criativo de Nuno Romero, músico conhecido pelo seu trabalho em bandas como Critical Hazard, Legacy of Payne, Stone of Patience e Half Naked Souls, bem como das várias colaborações com outras bandas e músicos ao longo do seu percurso na música. “Where Silence Bleeds” é o Ep estreia lançado no início do ano, um lançamento instrumental a ter em conta.

LOUVADO ABISMO

Alma Incandescente (Remix) é o primeiro de dois remixes exclusivos criados para apoiar o lançamento do álbum de estreia dos **Louvado Abismo**, que será editado em formato CD pela primeira vez. O lançamento está previsto para setembro, sai o CD com tudo, os 10 temas do álbum + os 2 remixes.



Os **Opus Draconis** têm um novo single para nos escurecer o ambiente, a antecipar o próximo álbum que chegará mais para o final do ano. Chama-se “Post Mortem Coronatus” e é a segunda música que a banda escreve em português. O single, com vídeo, teve um lançamento muito peculiar: foi lançado no dia 6 de Junho, às 6 horas. Ou seja, na hora 6, do dia 6, do mês 6. Não fosse também a qualidade do seu black metal e já estávamos conquistados!

SHIVERS

Mais uma despedida, e esta a alguém que sempre nos trouxe tanta boa-disposição, para ficarmos agora tão tristes com a despedida. Quando assinalam os 25 anos de carreira, os **Shivers** comemoram o feito com um concerto final, ao qual intituam “Foi Fixe, Tchau Aí”, marcado para 12 de Dezembro, no Estúdio Time Out, em Lisboa. Fica celebrada uma carreira repleta de rock, metal, punk, grunge, mais qualquer coisa e, sobretudo, muito humor. Soltemos um “Eeepaahh”, este de desgosto por ficarmos com estes a menos para a festa.



Uma negra entidade sediada no Texas, mas ainda

bastante nossa, os **Sardonio Witchery**, já têm novidades. “Hell's Thorns Attack” é o nome do próximo álbum, que estará cá fora a 1 de Setembro, a partir da Firecum Records. Como prova de que o seu black metal ainda não perdeu um pinga do seu veneno, já temos para ouvir o primeiro single “Hateful Evil Throne”.

LÖBO

Se fazem falta notícias acerca de **Löbo**, projecto doom de Ricardo Remédio, temos algo mais para além da reedição do álbum de estreia lançado no início deste ano. “Violência Cansada” é o novo single já disponível para ouvir em variadas plataformas e encontra o músico, bem acompanhado, no seu modo mais experimental.



Sigilo é um projecto de um homem só, que já tem vindo a assombrar o underground com o seu black metal desde 2019. Chega a altura para o primeiro longa-duração, “Gloria Ad Inferi”, a sair pela mão da Alma Mater, a 11 de Julho. A data de lançamento também ficará marcada pela sua apresentação ao vivo, no festival “Cerco de Sortelha”, no Sabugal, no mesmo dia, com um cartaz repleto de outras grandes bandas.





CARNIFICATION
"WALKING AMONG THOUSANDS"

Já Disponível Cd Digipack



Ethereal Sound Works

etherealsoundworks.com



mhma.2020@hotmail.com

Cria o teu flyer / rodapé
e publicita
tua actividade ou projecto

**** usa este tamanho como modelo ****

Diário PT Metal

a/c Christopher Monteiro
Email: diarioptmetal@gmail.com
Facebook/DiarioPtMetal

Periodicidade: Mensal

Equipa de Redacção: Christopher Monteiro; Sérgio Borba; André Rosado; Raúl Avelar
Mário Lino Faria; Duarte Fernandes; Alexandre Almeida; Luís Rato
Miguel Silva; Sónia Ferreira; João Speedy Santos



RAMP

@ Sónia Ferreira
Quiet Magic

BILHA D'AÇO 2026



CAPELA MORTUÁRIA
BILHA D'AÇO 2026

@ Sónia Ferreira
Quiet Magic



BESTA

@ Sónia Ferreira
Quiet Magic

BILHA D'AÇO 2026



THORMENTHOR
BILHA D'AÇO 2026

@ Sónia Ferreira
Quiet Magic